

OS SENTIDOS DO CUIDADO NAS EXPERIÊNCIAS DAS MÃES EM *AMADA* E *EL CUARTO MUNDO*

Grazielle Costa

Orientadora: Livia Reis

Doutoranda

RESUMO: O trabalho tem por objetivo construir uma leitura comparativa de *Amada*, de Toni Morrison, e de *El Cuarto Mundo*, de Diamela Eltit, desde a perspectiva do cuidado materno. A partir das premissas teóricas desenvolvidas por Carol Gilligan e Nancy Chodorow sobre a diferença feminina, percorremos o texto de Morrison e Eltit em busca de fragmentos da voz crítica da mãe em um contexto de precariedade social. Propomos, desse modo, apresentar o nosso ponto de vista na interseção entre as narrativas literárias e os aportes teóricos do cuidado, problematizando os sentidos atribuídos à maternidade nos discursos da política moderna e da psicanálise. Os romances, formalmente distintos, convergem na crítica à voz hegemônica masculina que, tanto no centro quanto na periferia das grandes narrativas modernas, silenciou-se sobre a dor e o gozo da mãe. A outra voz, perturbada e perturbadora, irrompe, com poesia e melancolia, as narrativas de Toni Morrison (sobre a mãe negra com “amor grosso demais”) e de Diamela Eltit (acerca da perversão da raça “sudaca” na violação do corpo da mãe). Parte do segundo capítulo da tese em construção, o texto dialoga, em um tom de enfrentamento, com os discursos do contrato social e da psicanálise revisados no primeiro capítulo. Conclui a etapa de construção do marco teórico da tese, realizando a transição para análise do corpus literário do trabalho final.

PALAVRAS-CHAVE: Cuidado, Maternidade, Tony Morrison, Diamela Eltit

*Tem uma árvore nas minhas costas e um
fantasma na minha casa, e nada entre uma
coisa e outra além da filha que está
aqui nos meus braços.
(MORRISON, 2007, p.33)*

Há algo de estranho e indecifrável nas mulheres imaginadas por Toni Morrison e Diamela Eltit. São vozes perturbadas e perturbadoras, que desafiam os limites traçados para mulheres no discurso da modernidade⁸¹. Expressam a precariedade do ser mulher na condição de escravidão no sul dos EUA do fim do século XIX e no contexto das políticas neoliberais no Chile da última década do século XX. Comunicam-se entre si e com muitas outras, que não estando nomeadas nas histórias contadas, habitam o espaço da memória transgressora da mãe negra escrava e da mãe pobre na América Latina.

Enmi cabeza se gestan sueños confusos, recorridos por vastos campos de dudas. Las dudas del niño pasean por mi cerebro grávido. Aprendo, a través del dolor, a conocer todos los rincones de mi cuerpo y la furia orgánica con que se ejerce el castigo. Mis ojos inflamados presencian una realidad difusa (ELTIT, 2004, p. 236).

A conexão destas mães com o objeto de seu cuidado é ambígua. Trata-se de um caminho não linear de negociação da identidade traçado entre a ausência de si e a insuficiência do outro. A angústia do não ser é vivenciada a partir do ato devorador de uma alteridade em potência. Neste sentido, tais experiências vão muito além de um mero gesto de sacrifício, como são interpretadas de forma recorrente nos discursos sobre a mãe. Assumindo como válido o pressuposto das teóricas do cuidado acerca da relação primordial entre mães e filhas, significam a morte de uma ideia de sujeito psiquicamente normalizada e socialmente interdita. Tais mães vivem o luto pela impossibilidade de ser o que jamais poderiam tornar-se. Seus corpos submetidos à identificação social como feminino (o que se dá principalmente na esfera da relação que as mulheres estabelecem com suas próprias mães) impõem limites à constituição de suas subjetividades. Sufocadas pela presença da mãe fálica e reprimidas pela Lei paterna, internalizam a expectativa de superação da impotência feminina pela reprodução da maternidade. Nesta leitura, a maternidade não é apenas uma escolha, um determinante biológico, uma resultante sistêmica ou uma construção cultural. Abarca inevitavelmente todas estas esferas da vida social, mas não se reduz a nenhuma, nem a todas.

A maternidade é um complexo processo psíquico constituído a partir de uma estrutura social altamente estável porque justificada e repetida, ciclicamente, por discursos hegemônicos em diferentes contextos. A divisão sexual do trabalho, desde as sociedades

⁸¹ Aqui me refiro aos discursos do contrato social e da psicanálise.

tradicionais como nos apresenta Friedrich Engels⁸², impõe às mulheres o dever de reproduzir. A função reprodutiva é, portanto, um traço distintivo universal do feminino. Isto não significa dizer que as mulheres vivenciem a maternidade da mesma forma, em diferentes contextos. Não há uma mãe, mas várias. Sethe e a gêmea “sudaca”, personagens mães que me acompanham neste texto, ilustram a diversidade dos cenários possíveis para a experiência da maternidade. O que parece importante pontuar ao assinalar a universalidade da função reprodutiva é a sua continuidade como princípio constitutivo da feminilidade e organizador da vida social. Apenas a título de exemplo, é, ao menos, curiosa a convergência dos grandes discursos de fundação das sociedades ocidentais (dos textos sagrados nas grandes religiões monoteístas do Ocidente, das tragédias antigas, da lírica medieval, dos tratados modernos de filosofia política, da ciência) sobre a mãe ideal. A herança da mãe primordial é uma história de sacrifício e punição. A maternidade é um tipo de castigo físico a que as mulheres devem se submeter para redimir-se da vergonha do seu desejo. Se algumas histórias se desviaram deste destino inexorável do feminino no encontro consigo mesmo (aqui penso em Medeia, a bárbara, de Eurípidés), foi para confirmar os limites da posição mãe nos discursos hegemônicos. Não por acaso, a psicanálise tomou como referências para explicar o funcionamento psíquico humano a família nuclear judaico-cristão-burguesa e os modelos de mulheres punidas por transgredirem o imperativo de sacrifício de si (Jocasta e a mãe de Electra). Herdeiras da “mãe natural”, as mulheres reproduzem a maternidade confinando seus desejos e seus afetos às relações de cuidado.

Quando a mulher se queixa a respeito da injusta desigualdade que o homem impõe, não tem razão; essa desigualdade não é uma instituição humana ou, pelo menos, obra do preconceito, e sim da razão: cabe a quem a natureza encarregou do cuidado dos filhos a responsabilidade disso perante o outro (ROUSSEAU, 1992, p.428).

Este código de maternidade, em que pese ter raramente se realizado na vida da maioria das mulheres, moldou as expectativas sociais e autorizou a violência contra todas que o transgrediram. Espera-se da “boa mãe” a repressão de seu desconforto e a expressão de sua honra altruísta aprendida da relação com sua mãe. Ou seja, as mulheres, de forma intencional ou não, submeteram suas identidades a um tipo particular de relação que mantiveram com

⁸² Em *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*.

suas mães, reais ou simbólicas. Seu amor primordial, objeto intransponível de desejo, é a mãe. Mesmo na presença do pai (do outro fálico), as mulheres não rompem a conexão com a mãe. “O amor de uma menina pelo pai e sua rivalidade com a mãe é sempre contrabalançado pelo amor pela mãe” (Chodorow, 1999, p.127). Esta conexão as leva a retornar à maternidade, pois nesta reside a possibilidade de reencontro com sua identidade. “As mulheres são mães de suas filhas que, quando mulheres, tornam-se mães” (Chodorow, 1999, p.209). As mulheres, assim, jamais superam o que Jacques Lacan denominou o “estágio do espelho”, momento em que o self e o mundo constituem um todo. A maternidade, portanto, é o elo da mulher com o mundo:

Amada, ela minha filha. Ela minha (...). Ela precisava estar segura e eu coloquei ela onde tinha de estar. Mas meu amor era forte e ela está de volta agora. Eu sabia que ela voltava. (...) Meu plano era levar nós todos para outro lado, onde está a minha mãe. Eles não deixaram eu chegar lá, mas você eles não conseguiram impedir de chegar lá. Ha-ha. Você voltou direto, como uma boa menina, como uma filha, que é o que eu queria ser e teria sido se a minha mãe tivesse conseguido escapar do arroz a tempo, antes de enforcarem ela e me deixarem sozinha (MORRISON, 2007, p.268;272).

A incapacidade de separar-se dos seres cuidados é uma imposição social e psicológica que as mulheres recebem como herança de suas mães. “As mulheres desenvolvem suas capacidades para a identificação primária com seus filhos através da regressão ao amor e à empatia primários. Investem na maternidade para reparar a relação com suas próprias mães ou para voltar a ela” (Chodorow, 1999, p.204). A imagem principal da relação da mãe com os filhos é a da confusão de egos, vivenciados, ao menos no período da primeira infância, como simbióticos (Chodorow, 1999, p. 59). A identidade feminina, na sua expressão mais legítima, é, portanto, um não todo; uma fissura por onde adentra o outro para tornar-se si. “Agora encontrei Sethe nesta casa. Ela sorri para mim e é minha própria cara sorrindo. Não vou perder ela de novo. Ela é minha” (Morrison, 2007, p. 288).

Desta mãe, psiquicamente normalizada e socialmente disciplinada, exige-se que aceite, passivamente, o sacrifício de submeter seu corpo ao cuidado do outro. Simbolicamente, no ventre de cada mulher carrega-se não apenas o seu próprio filho, mas a continuidade de uma estrutura social centrada na reprodução da maternidade. A dor consentida da mãe é a norma primordial de toda forma de organização social. “Mi hermanomellizoadoptóelnombre de MaríaChipia y se travistióenvirgen. Como una virgen me

anunciólaescenadel parto. Me laanunció. La proclamó” (Eltit, 2004, p.211). Cada mulher, mesmo aquela que socialmente conquistou o direito de negar biologicamente a maternidade, deve realizar a travessia de conhecer a si mesmo a partir da conexão com a “mãe natural”.

Discursos modernos sobre a posição da mãe: natureza, ciência, política e resistência

A “mãe natural” não é uma instituição moderna. Contudo, os escritores da modernidade contribuíram para consolidar os limites da posição da mãe. Entre os contratualistas, a naturalização da divisão sexual do trabalho foi uma estratégia bem sucedida para legitimar a separação dos espaços privado (local da reprodução) e público (lócus da produção). Do mesmo modo, contribuiu para afastar as mulheres da esfera pública, tomando suas funções reprodutivas como alheias ao mundo da política. Especialmente para o exercício da maternidade e de todas as funções do cuidado doméstico, Rousseau e seus seguidores apregoam a necessidade de reclusão da mulher. Ou seja, o afastamento voluntário das mulheres de todas as distrações públicas que possam levá-las a comprometer sua função primordial de ser mãe (Rousseau, 1992, p.464). Para Rousseau, “o apego da mulher a sua prole dependente é ‘natural’ no sentido literal do termo: pode ser entendido como sendo meramente instintivo, já que se presume que ocorra quando os seres humanos vivem exatamente como animais” (Lange, 1991, p.100). Neste sentido, a narrativa do contrato social dependeu de um anterior “contrato sexual” (Pateman, 1988, p.1), que tirou a maternidade da esfera da história e da ideologia, sedimentando a retórica da “mãe natural”.

Na narrativa psicanalítica, a mãe é um personagem central.É, enquanto posição, o elemento primordial de constituição da subjetividade. Constitui o primeiro objeto de amor (pré-simbólico) da criança, que oferece segurança e prazer. Potencializa todas as pulsões experimentadas pela criança nos seus primeiros anos e vida, sendo uma referência ambivalente, que permite à criança a vivência de suas experiências mais intensas de prazer e dor. Esta força fálica materna, que atrai e domina indistintamente, prescinde da função pai e não parece a ela se submeter de nenhum modo. É apenas quando a criança descobre seu potencial falo ou a ausência dele que o deslocamento da força fálica se faz na direção do pai, o que não de forma acidental coincide com o confronto com a linguagem (o “Outro”

lacaniano que estrutura e condiciona universalmente a constituição do sujeito no encontro com que está fora de si).

No modelo edipiano, defendido por Freud, a mãe deixa de ser a referência fálica da criança, que é conduzida pela identificação da presença do outro a uma experiência de desejo da fantasia de si mesmo. Tal fase inaugura o que Freud chama de narcisismo primário, quando a criança elege a si própria (como uma fantasia –o eu ideal) como objeto de desejo. A mãe, neste processo, deixa de ter o controle absoluto do desejo do infante, retornando a sua posição de castrada. Caso resista a este processo, de acordo com a psicanálise, a mãe pode condenar o filho ao pior dos destinos, que é a formação de uma personalidade psicótica, incapaz de abandonar o imaginário para ingressar na fase simbólica em que se constitui a subjetividade em relação ao Outro (a cultura/linguagem). Ou seja, quando o narcisismo da mãe em retorno, pela projeção do desejo no cuidado do filho, se sobrepõe ao narcisismo primário do filho, o sujeito social encontra-se ameaçado. A conexão da mãe com o filho, assim, deve ser breve e utilitária.

Em contraponto ao processo de separação entre a mãe e sua prole descrito por Freud, Nancy Chodorow, em *The Reproduction of Mothering*, afirma a diferença no processo de constituição psíquica de meninos e de meninas. Desde a posição de psicanalista, Chodorow defende que Freud e seus seguidores descreveram apenas parte do processo. Ofuscada pelo preconceito e pela conveniência em uma sociedade patriarcal, a narrativa freudiana ignorou importantes particularidades do processo de desenvolvimento psíquico feminino (Chodorow, 1999, p.142). Para Chodorow, a chave para entender as mulheres reside na relação que estas estabelecem com suas mães. A configuração psíquica a que se submetem os afetos femininos é sempre triangular. Ou seja, mesmo assumindo que as mulheres vivenciam o complexo de Édipo, elas o fazem de modo distinto dos homens. A rivalidade da menina com a mãe pelo amor do pai não encerra a relação afetiva entre mãe e filha, mas a potencializa (Chodorow, 1999, p.126). Ao aproximar-se da idade adulta, a menina em geral consegue realizar a separação entre si e o mundo, submetendo-se ao princípio da realidade. Contudo, essa separação jamais se opera em relação ao ideal de mãe. Esta conexão com a mãe leva as meninas a experimentarem um modo distinto de se relacionar com os outros. No transcurso da vida adulta, as mulheres persistem na busca pela conexão materna, o que as leva à maternidade como forma de retorno à relação primordial com a mãe (Chodorow, 1999, p.

204). Este retorno é conflituoso, pois a mulher desempenha em relação ao objeto de seu cuidado simultaneamente os papéis de filha (no desejo de restaurar o elo rompido com a mãe) e de mãe (no gesto de assumir a responsabilidade sobre o ser é parte de si.

Esta leitura sobre a maternidade dialoga com a crítica feminista à naturalização dos papéis femininos nos grandes discursos da modernidade. Embora seu modelo de feminino seja em muitos momentos generalizador e essencialista, Chodorow rejeita o pressuposto natural da maternidade, desconstruindo a categoria “instinto materno”. “O fato de as mulheres exercerem extensiva e quase que exclusivamente o papel de mães é produto de uma tradução social e cultural das capacidades de parir e de amamentar” (Chodorow, 1999, p.30). Isto é, não é a fisiologia reprodutiva que determina ou garante a maternidade, mas a instrumentalização dos fatores biológicos para justificar uma ideologia de representação da “mãe natural”. Assim, o que há de universal na experiência materna das mulheres em diferentes contextos não se justifica na natureza, mas nas normas sociais cristalizadas em que se apoiam as relações humanas em diferentes contextos. Tais normas disciplinaram o corpo feminino e de forma violenta limitaram a capacidade das mulheres de participarem da esfera pública. Este ponto permanece um importante ponto de tensão da crítica feminista.

Simone de Beauvoir, em seu emblemático *O Segundo Sexo*, desconstrói a leitura da maternidade como função primordial do sexo feminino, afirmando que ser mãe decorre de um aprendizado social e não de um imperativo biológico. “Não existe mãe desnaturada porque o amor maternal não tem nada de natural: mas, precisamente por este motivo, existem mães ruins” (De Beauvoir, 2004, p. 381). O cuidado materno é uma construção social que desempenha importantes papéis no controle das mulheres e de sua prole. “A devoção materna pode ser vivida a partir de uma perfeita autenticidade; mas, de fato, este é raramente o caso. Frequentemente, a maternidade é um estranho compromisso de narcisismo, de altruísmo, de sonho, de sinceridade, de má fé, de devoção e de cinismo” (De Beauvoir, 2004, p. 367). Por um caminho similar ao de Simone de Beauvoir, mas ainda com mais contundência na rejeição ao fundamento natural da maternidade, desenvolve-se o trabalho de Elisabeth Badinter, em *Um amor Conquistado: o mito do amor materno*, já na década de 1980. A autora, a partir do contexto francês, problematiza a o mito da “mãe natural”, desmascarando os discursos e práticas de poder que impuseram à mulher o dever de cuidar e amar seus filhos. Na análise da relação primordial entre mãe e bebê (psicanalítica, sociológica e antropológica), o foco está

sempre na criança, de modo que o corpo e as ideias das mães são postas em segundo plano ou instrumentalizadas para a formação “bom homem e da boa mulher”. Neste contexto, as mulheres e aqueles que exercem a função de mãe experimentam um estado de incompletude e falência que deve ser reprimido ou, no máximo, reduzido a fenômenos fisiológicos ocasionais (puerpério) ou a categorias psicológicas imprecisas e generalizantes.

A solidão da mãe impulsionou a resistência feminista, especialmente nas décadas de 1960 e 1970. As mulheres mobilizaram-se contra os papéis tradicionais de mãe e esposa na família burguesa, denunciando a maternidade como principal signo reprodutor e regulador do sistema patriarcal. Este pensamento, aliado à popularização dos métodos contraceptivos, transformou a vida das mulheres, ao menos nas sociedades ocidentais e entre as classes mais abastadas. O foco do ativismo e do pensamento feminista estava majoritariamente em denunciar as instituições patriarcais e contribuir para a ampliação dos espaços sociais de atuação e desenvolvimento das mulheres. Em que pese a necessária denúncia da estreita relação entre patriarcado e maternidade, as críticas feministas em relação à maternidade terminaram por reproduzir o mesmo efeito dos discursos patriarcais: falaram pela mãe. No extremo oposto ao da romantização do sacrifício da mulher-mãe, o discurso feminista dominante tomou a maternidade como um inerente espaço de opressão e alienação femininas.

Os romances *Amada* e de *El Cuarto Mundo* nos conduzem pelo caminho ambíguo da maternidade. Posicionam-se estrategicamente na zona de confronto entre a retórica da “mãe natural” e o discurso de oposição à maternidade, desnudando a ambivalência das relações humanas nas fronteiras entre dor e gozo; opressão e emancipação. A precariedade da agência pública de Sethe e da gêmea “sudaca” é, em ambos os textos, a porta de entrada para o espaço de cuidado, denso e tenso. Entre loucura e lucidez, essas mães falam a partir de fragmentos de si, que reafirmam, ao mesmo tempo em que negam, suas condições de mães naturais. “Vamos cheirar os rabanetes juntas, Amada. Amada. Porque você é minha e tenho de mostrar essas coisas para você e vou ensinar você o que uma mãe tem que ensinar” (Morrison, 2007, p. 270). As expectativas associadas ao ser mulher, especialmente à maternidade, moldam a identidade dessas mulheres, mas a sua condição dentro do sistema não lhes permite realizar o pacto de cuidado e proteção esperado. Diante da falência das bases do contrato social e da função-mãe de normalização psíquica, estas mulheres mergulham em uma solidão profunda, que apenas podem enfrentar no espaço do cuidado transgressor que estabelecem com a

memória de si e dos outros. Estas mulheres permanecem física e psiquicamente aprisionadas no ideal de mãe que está, simultaneamente, dentro e fora de si. “MaríaChipiaensaya, ensaya un discurso redentor de las culpas, un discurso en el que transa el peso de nuestra historia. Ensayas un discurso y en sus palabras disminuye el rigor de nuestra hazaña y la dignidad de nuestros cuerpos” (Eltit, 2004, p.228).

Entretanto, ainda que na condição mais extrema de subalternidade, estas mulheres resistem à redução de si à culpa materna, criando um espaço original de controle de seus corpos na relação que estabelecem com o ser cuidado. “As mulheres cantoras reconheceram Sethe de imediato e se surpreenderam com a ausência de medo em si próprias quando viram o que estava parado ao lado dela. A criança-diabo era esperta, pensaram. E linda. Tinha assumido a forma de uma mulher grávida, nua sorrindo no calor do sol da tarde” (Morrison, 2009, p. 346). Ou seja, sentindo o desamparo pela solidão imposta à mãe subalterna, tais mulheres sobrevivem pela conexão que estabelecem com os seres cuidados, retornando à relação materna primordial. “Para huir de un final definitivo me abro completamente al dolor y llego a la neutralidad. Al interior de este nuevo sistema, el niño y yo transamos un acuerdo somático” (Eltit, 2004, p.237).

A dor destas mães não “é uma história para passar adiante” (Morrison, 2007, p.362). É uma narrativa soterrada, de forma recorrente, pela retórica do sacrifício materno, que apaga o conflito da mulher que se submete à maternidade. Tais mães permanecem lá, mesmo quando o Outro deixou de percebê-las ali. Os textos literários de Toni Morrison e Diamela Eltit invadem esta zona obscura do feminino maternal, imaginando formas de resistência à violência social e psíquica surgidas das relações de cuidado. Identidades aparentemente falhadas emergem com força nas narrativas sobre a ambivalência da mãe, entre prazer e sofrimento. A fraqueza destas mulheres, que as condenam à margem ou ao silêncio dos discursos hegemônicos, é potência nas narrativas de Morrison e de Eltit. O desejo da mãe, causador de estranhamento e desprezo, é desnudado no lirismo de Morrison e na ousadia de Eltit, Confinadas na casa que as conecta com a memória dolorosa da separação forçada de suas filhas, recolhem os fragmentos de si, sobrevivendo no cuidado que os outros não podem alcançar:

Existe uma solidão que pode ser embalada. Braços cruzados joelhos encolhidos; contendo, contendo mais, esse movimento, diferente do de um navio, acalma e contém o embalador. Depois, existe uma solidão que vaga. Nenhum embalo pode contê-la. Ela é viva, independente. Uma coisa seca e espalhada que faz o som dos próprios pés da pessoa indo parecer vir de um lugar distante. Todo mundo sabia como ela se chamava, mas ninguém sabia seu nome. Desmemoriada e inexplicada, ela não pode se perder porque ninguém está procurando por ela, e mesmo que estivessem, como poderiam chamá-la se não sabem seu nome? Embora ela tenha querência, não é querida (MORRISON, 2007, p.361).

REFERÊNCIAS

- BADINTER, Elisabeth. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. Trad: de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- CHODOROW, Nancy. *The Reproduction of Mothering*. Berkeley: University of California Press, 1999.
- COLLIN, F.; LABORIE, F. Maternidade. In: HIRATA, H. et al. (org.). *Dicionário Crítico do Feminismo*. São Paulo: UNESP, 2009.
- DE BEAUVOIR, Simone. *Le Deuxième Sexe II*. Paris: Gallimard, 1976.
- ELTIT, Diamela. El Cuarto Mundo. In: ELTIT, Diamela. *Tres novelas*. Cidade do México: Fondo de Cultura Económico, 2004.
- ENGELS, Friedrich. *A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado*. 9. ed. Trad: Leandro Konder. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1984.
- FREUD, Sigmund. *A sexualidade feminina*. Obras Completas XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1974.
- _____. *Una Teoría Sexual y Otros Ensayos*. Obras Completas II. Buenos Aires: Santiago Rueda, 1952.
- GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. *Freud e o Inconsciente*. 4. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.
- GILLIGAN, Carol. Imagens da Relação. In: MIGUEL, Luis Felipe e BIROLI, Flávia (org.). *Teoria política feminista – textos centrais*. Vinhedo: Editora Horizonte, 2013.
- LACAN, Jacques. *Escritos*. Trad: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.



_____. *Outros Escritos*. Trad: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

LANGE, Lynda. Rousseau and Modern Feminism. In: PATEMAN, Carole; SHANLEY, Mary Lyndon (ed). *Feminist interpretations and political theory*. Philadelphia: The Pennsylvania State University Press, 1991.

MORRISON, Toni. *Amada*. Trad: José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

PATEMAN, Carole. *The Sexual Contract*. Stanford: Stanford University Press, 1988.

ROUSSEAU, Jean Jacques. *Emílio ou da Educação*. 3.ed. Trad: Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992.